

# CIMEIRA DE ROMA: AS ÚLTIMAS NOTAS DO REPÓRTER

2-56/92(Roma) Em fim de festa na capital italiana, após a assinatura da declaração conjunta feita por Joaquim Chissano e Afonso Dhlakama, a maior parte dos jornalistas presentes na Villa Madama perdeu a oportunidade de testemunhar um acontecimento com grande carga emocional e não menos significado.

Para selar o abraço trocado entre os líderes das forças em conflito, a mediação italiana ofereceu um almoço de confraternização às duas delegações, a que os jornalistas,

por pressão de trabalho ou desconhecimento, primaram pela ausência.

Nas delegações oficiais, "todo o mundo presente", entre contendores, mediadores e observadores, civis e militares, assessores, protocolos e seguranças um pouco mais relaxados.

Definido como sendo "o almoço de reconciliação da grande família moçambicana", o convívio acabou correspondendo aos objectivos para os quais fora

Para a elaboração de estudos e projectos contacte a

Av. 24 de Julho, 2293 / 1º andar \* Tel. 421526/8 \* Fax 421511 \* Telex 5-731 \* C.B. 4150 \* Maputo

**MACOL**

a sua consultora

mediaFAX Nº 10

organizado, juntando pessoas que se combatem há anos e que agora começam a vislumbrar no horizonte, os caminhos que podem trazer a paz.

Foi interessante ver Armando Guebuza, o chefe da delegação governamental às conversações de paz, num diálogo, sem formalismo e sem mediação, desta vez com o "líder da mata", o primeiro fumando o seu cachimbo perante o seu interlocutor que sorria continuamente de mãos nos bolsos.

Anotámos Mariano Matsinhe conversando com Raúl Domingos, o "ministro dos exteriores" Pascoal Mocumbi em diálogo normal com Vicente Ululu e Agostinho Murriel, respectivamente, secretário-geral e chefe do Departamento de Informação da Renamo.

A mediação, assumindo o papel de anfitriã, desdobrava-se em contactos com o membro desta ou daquela delegação, contando piadas e convidando as partes a beberem vinho italiano, enquanto a paz não chega a Moçambique. Fora do ambiente formal e dos momentos tensos em que as duas delegações têm estado envolvidas nos últimos dois anos, a oportunidade serviu para consolidar um pouco mais a confiança já ganha, depois das declarações públicas e dos compromettimentos solenes feitos pelos líderes de ambas as partes.

Todos com fome, todos cansados por dias a fio em maratona negocial, os elementos dos dois lados do conflito, esqueceram momentaneamente aquilo que os separa, procurando nos pequenos detalhes afirmar o "espírito da reconciliação nacional". Numerosas vezes ouvimos, nesta ocasião, membros do governo pedindo licença aos da outra parte para ir "reforçar a dieta" ou para ir encher o copo. O convívio dos membros do governo e da Renamo incluiu mesmo observações sobre as marcas dos vinhos transalpinos.

No meio da refeição, choveram piadas e mesmo de descontração entre homens que se conhecem pelos nomes de guerra, de homens que já trocaram mensagens na guerra, de homens que estiveram em batalhas opostas mas que nunca se imaginaram num "frente a frente".

Comentando sobre os resultados da cimeira, Mariano Matsinhe disse-me que esta tinha sido de facto um bom acontecimento que permitiu às partes quebrar o gelo e trabalhar com vista à reconciliação nacional.

Em pleno convívio, Matsinhe disse-me que o conflito foi e continua a ser horrível, mas que há a necessidade de saber perdoar. O ministro sem pasta apontou-me um membro da delegação da Renamo que havia sido do "snasp" em anos idos e que fugira para o outro lado. "Mas estamos aqui a conversar sem problemas e eles dizem que há muitos lá", diz-me, procurando tornar pedagógica a prática da reconciliação.

Um membro da sub-delegação militar da Renamo confessou no decurso do mesmo almoço que se sentia cansado do mato e que queria era ir para casa.

Ele é natural de Maputo. "Sinto-me pessoa, gente e estou livre", referiu emocionado, acrescentando que teria

sido bom se depois da cimeira fivessem dito: há paz, podemos circular à vontade pelo país.

A vida do mato, disse o militar, é dura e quando se sente a possibilidade de se poder viver em paz, com a família, dá vontade mesmo de dizer que somos irmãos.

O "mediaFAX" tentou pesquisar o que significara, de facto, para a Renamo, a cimeira de Roma. O próprio Dhlakama, com quem conversámos longamente 24 horas depois da assinatura da declaração conjunta, garantiu-nos várias vezes que estava farto de viver no mato, no seu santuário na Gorongoza. Para ele, a guerra já acabou porque as garantias que "eu, Afonso Dhlakama exigia, foram-me dadas pelo meu irmão Chissano".

Dhlakama podia estar na ofensiva retórica, mas um dos seus quadros políticos influentes, disse-me que não havia retórica nenhuma. "Ele é muito coerente com aquilo que diz", dizia-me o meu interlocutor.

Parece claro que tanto nos encontros a sós com Chissano, como nas plenárias e nos convívios, Dhlakama e os seus homens perceberam que eles têm irmãos do outro lado e não há temores nenhuns. Os militares, quando o álcool ajudava a libertação dos espíritos, até falavam de recontros passados, reconhecendo-se mutuamente.

Pode ser difícil concretizar o acordado, mas não há dúvida que é um passo grande que se deu, dizia-me Mário Raffaelli, o coordenador da mediação.

Num breve contacto com o "mediaFAX" em Roma, Tiny Rowlands, o "patrão" da multinacional Lonrho, que jogou papel importante na cimeira, disse que estava satisfeito porque o seu esforço havia dado bons resultados. "Não tenho nada a ganhar com este apoio. Quero ajudar a pacificação de Moçambique"-disse. Lembrou que foi amigo de Moçambique desde sempre e fora amigo pessoal de Samora Machel, continuando a ter boas relações com Chissano. Ajudou Dhlakama nas suas viagens, transportando-o no seu avião pessoal. "Também planeio transportar John Garang, líder rebelde do Sudão para uma "cimeira de paz" com o presidente El Bachir num país ainda por determinar", confidencia-me.

Tiny Rowlands, que compareceu como convidado destacado à sessão de encerramento da cimeira, disse ter ficado lisonjeado com os elogios à sua pessoa feitos por Chissano e Dhlakama. "Quero a paz para Moçambique"-disse.

A ministra dos Estrangeiros do Botswana, a senhora Chieppe, também disse ao "mediaFAX" que o papel do seu país é contribuir para a paz em Moçambique, reconhecendo porém que "chegámos tarde ao processo, mas temos confiança das duas partes o que é bom".

Disse que pessoalmente se sentiu feliz por ter participado nas discussões do documento assinado, acrescentando: se Gaborone tiver que acolher a próxima cimeira de paz, melhor para nós será".

(Lourenço Jossias, com o apoio do MOLISV, ASDI e movimento sindical italiano)